

A PRIMEIRA GRANDE ESCOLHA NO TEMPO: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL DE JOVENS AO TÉRMINO DO ENSINO MÉDIO

LUCAS PYDD NECHI¹

Dentre todas as colaborações de Jörn Rüsen para o campo da teoria da história, mais precisamente no que toca o ensino de história, destaca-se uma ideia central que possui a função de princípio regulativo na articulação de seu pensamento: o **humanismo** (RÜSEN, 2009). Rüsen requalifica a ideia de humanismo, atualizando-a de acordo com a sua compreensão da teoria da história, inserindo-a no contexto da didática da história. Fazer com que os seres humanos sejam humanizados através do ensino de história, ou seja, que o aprendizado histórico possibilite o desenvolvimento da capacidade de fazer indivíduos reconhecerem reciprocamente o valor intrínseco da vida humana e da dignidade alheia, mesmo que sejam de etnias, religiões ou convicção políticas opostas, é o grande mote utópico que pode nortear os esforços na construção de uma educação histórica significativa para os sujeitos nela envolvidos.

Na obra “O Humanismo na era da globalização” (RÜSEN, 2009), focada no tema, Rüsen apresenta o conceito afirmando que: “o humanismo tem de ser compreendido e desenvolvido como um elemento mental e espiritual dentro dos confins dos âmbitos da vida social concreta.” (RÜSEN, 2009:14). Ou seja, a ideia de humanismo, por mais subjetiva que seja, deve ser reconhecida em contato com a materialidade que a vida social apresenta. Sua proposta de humanismo é mais do que esta ou aquela tradição cultural, é de fato colocar o foco no pensar e atuar dos seres humanos.

Assim aos questionamentos humanitários que a globalização nos evoca, com seus conflitos e desigualdades, Rüsen aponta que

A resposta deverá dar-se em forma de um ‘novo’ humanismo que entrelace percepções antropológicas relacionando-as com a fragilidade e a falibilidade da vida humana, com o desenvolvimento de novas categorias de interpretação histórica, de tal forma que consiga acentuar o impacto que o sofrimento tem em potencial e o desenvolvimento humano, mudando por sua vez os critérios da interpretação histórica tradicional para novos conceitos muito mais frutíferos. (RÜSEN, 2009:24)

¹ Graduado em Psicologia (UFPR - 2007); Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação (UFPR - 2011), doutorando em Educação pelo mesmo programa (UFPR – ingresso em 2013).

Porém a construção deste sentido humanista não é de maneira nenhuma oposta ao objetivo epistemológico inerente ao desenvolvimento de uma racionalidade histórica, o qual é demarcado na própria teoria da história como **orientação no tempo**: “Através do aprendizado histórico, deve ser aqui aberta a orientação temporal da própria vida prática sobre a experiência histórica e ser mantida aberta para um incremento da experiência histórica.” (RÜSEN, 2010:47)

A relação que cada sujeito faz entre passado, presente e futuro, condiciona suas possibilidades de vida e determina sobremaneira a formação de sua identidade, a sua interpretação histórica da sociedade a sua volta e suas escolhas em relação ao futuro. Rüsen ilustra a carência de orientação e sentido no tempo como “os interesses que os homens têm de modo a poder viver – de orientar-se no fluxo do tempo, de assenhorar-se do passado, pelo conhecimento, no presente.” (RÜSEN, 2001)

O processo de aprendizagem desta orientação no tempo ainda compromete os sujeitos envolvidos em uma relação de proximidade e de busca por interesses e sentidos comuns que justifiquem e orientem sua ida ao passado, sempre atrelado ao presente:

Entende-se que aprendizagem histórica necessita de uma estrada construída com mão dupla e essa construção requer um compromisso ético com o presente, a partir do qual quem ensina e quem aprende podem identificar um passado de interesse e com significados para os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. (SCHMIDT, 2011:84)

Tais noções teóricas podem ser solidificadas a partir de uma concepção de homem e de educação. As teorias do ensino de história sempre demandarão referências conceituais do campo da educação para que consigam trazer contribuições concretas ao ensino e aos sujeitos envolvidos em seu processo. Na obra “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire (FREIRE, 1996), pode-se realizar uma aproximação com a educação histórica de forma a visualizar o universo da cultura escolar intencionando-se aproximações com a racionalidade histórica almejada pela teoria da história de Rüsen.

Segundo Freire, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996:98) e isto implica em uma educação que busque desenvolver nas crianças e nos jovens uma consciência que lhes possibilite interagir no

mundo de modo a identificar e combater desigualdades e sofrimento humano. Assim, Freire sublinha que existam duas visões opostas que levam à paralisia:

De um lado, a compreensão mecanicista da História que reduz a consciência a puro reflexo da materialidade, e de outro, o subjetivismo idealista, que hipertrofia o papel da consciência no acontecer histórico. Nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos. (FREIRE, 1996:99)

Pode-se afirmar que no processo educacional, encontram-se crianças e jovens que podem ser educadas ao conformismo e à resignação, bem como podem desenvolver uma consciência que as impulse a realizar escolhas futuras pautadas pela compreensão da condição histórica humana. Segundo Freire esta educação contraria a lógica da globalização: “O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente.” (FREIRE, 1996:127)

Assim, relacionando a noção de humanismo com a busca de orientação temporal, pode-se afirmar que o propósito de todo ensino de história, especialmente aquele inserido no contexto da cultura escolar, é desenvolver a consciência histórica de crianças e jovens ao ponto em que elas consigam orientar-se no tempo, fazerem escolhas em sua vida cotidiana, utilizando dos acontecimentos do passado individual, interpretando suas próprias experiências, e do passado coletivo, registrado na cultura. Importa-nos, nestes tempos, que estas escolhas sejam prioritariamente em prol da vida e da dignidade da vida humana, em favor de um sentido comunitário de existência, superando egoísmos, hedonismos consumistas, fundamentalismos religiosos, práticas políticas corruptas e preconceitos étnicos.

A criança e o jovem escolarizados deveriam, assim, após anos de ensino de história, demonstrar em suas escolhas, das mais corriqueiras as de maior amplitude, esta consciência histórica concretizada em comprometimento humano.

O estudo exploratório: a primeira grande escolha

Ao término do ensino médio no ensino básico do Brasil, os jovens, em idade esperada de 17 anos, têm de decidir qual será seu destino no ano seguinte. Optam em participar ou não de processos seletivos que os levam ao ingresso nas universidades, públicas ou privadas: o vestibular. Devido a grande concorrência, tendo em vista que o número de jovens nesta faixa etária é muito superior ao de vagas gratuitas nas universidades públicas, segue-se um processo massificado de ensino disposto a comercializar fórmulas e estratégias que aumentem a chance de sucesso dos candidatos. Assim, em muitas escolas, a cultura e a rotina escolar são fortemente modificadas, estabelecendo à preparação para as provas de vestibulares como principal meta educativa.

Porém, a questão do ingresso não é o único desafio intrincado aos quais os jovens brasileiros são submetidos neste momento específico de sua trajetória acadêmica. No decorrer do último ano do ensino básico, cabe aos jovens à escolha de qual curso universitário desejarem realizar, tendo em vista que a escolha não garante sua vaga. Justifica-se, assim, o uso do título de ‘primeira grande escolha’ nesta pesquisa, que se ateve precisamente a este recorte do tempo da trajetória da vida escolar. ‘Primeira’ por ser a primeira decisão que acarretará ao sujeito experiências variadas de maneira tão concreta. ‘Grande’, justamente por se tratar de uma escolha formal que decide o rumo da carreira e da vida do jovem, nas quais diferentes respostas modificarão a rotina, os círculos sociais e até mesmo as possibilidades financeiras do jovem e de sua família. A ‘escolha’ fundamental em questão remete a compreensão da formação da identidade e da subjetividade destes sujeitos que após onze anos de escolaridade orientam-se no tempo de alguma forma forjada pela educação, mas não só por ela, e que, supostamente, utilizariam desta cognição histórica para perspectivar seu futuro. O ensino de história, assim, é também responsável pelas condições oportunizadas aos jovens para esta escolha. Segundo Rüsen:

a referência do aprendizado histórico à experiência não teria sentido didático se não fosse relacionada à subjetividade do aprendiz. O aprendizado histórico deve, assim, ser relacionado à subjetividade dos receptores, à situação atual do problema e à carência de orientação, de que parte o recurso rememorativo do passado. Sem esta referência ao sujeito, o conhecimento histórico petrifica-se em um mero lastro de reminiscências. (RÜSEN, 2010:48)

Este estudo de caráter exploratório possuiu dois objetivos principais: identificar como o ensino de história influencia na escolha de carreira dos jovens e, ainda, se tais escolhas apresentam preocupações humanistas. Destes objetivos, decorre um terceiro: a verificação da possibilidade de aprofundamento teórico na conceituação de humanismo em relação ao ensino de história a partir dos referenciais tomados.

Para atingir tais objetivos, foi aplicado um questionário em 43 jovens do 3º ano do ensino médio de uma escola particular de Curitiba, na qual trabalho atualmente. A instituição particular, de cunho confessional, atende em sua maioria crianças e jovens de prestigiada condição econômica e social. Assim verificou-se inicialmente que 100% dos jovens inqueridos pretendia cursar uma universidade logo que completassem seu ensino básico. Sabe-se que esta não é a realidade da maioria dos jovens brasileiros que muitas vezes são forçados a não continuarem seus estudos visando à inserção imediata no mercado de trabalho. Também é crescente neste país a abertura de vagas dos cursos de ensino médio profissionalizantes, que fornecem uma mão de obra específica e relativamente barata aos mercados de países em desenvolvimento.

Resultados

O questionário, aplicado em maio do corrente ano, possibilitou aferir que, dentre os jovens, 84% já haviam decididos seus cursos universitários², citando ao todo dezenove fatores diferentes de influência em suas escolhas. Para coletar este dado, o questionário continha a seguinte questão: “faça uma listagem de tudo que possa ter influenciado na sua decisão.” As respostas citadas, em ordem decrescente de aparições, foram: afinidade com disciplinas, interesses pessoais, retorno financeiro, vocação, família, amigos, leituras, atuação profissional/mercado de trabalho, características do curso, ajudar as pessoas/fazer a diferença, contato com profissionais da área, artes, cursos, entretenimento, professores, conhecimento do mundo, religião, história e jogos.

² Os cursos escolhidos e número de citações foram: direito (oito), arquitetura (quatro), psicologia (três), medicina (três), engenharia mecânica (três), engenharia civil (duas), desenho industrial (duas), agronomia(uma), biomedicina(uma), biotecnologia(uma), engenharia ambiental(uma), engenharia da computação(uma), engenharia química(uma), filosofia(uma), geologia(uma), história(uma), música(uma), odontologia(uma), relações internacionais(uma), sistemas de informação(uma) e teatro(uma).

Para elencar estas respostas de forma a quantificar as influências mais marcantes, solicitou-se aos jovens que enumerassem dentre os fatores citados os três mais importantes e justificassem suas respostas. Assim, ao todo, os quatro fatores que mais influenciaram esta escolha foram: “afinidade com disciplinas”, “interesses pessoais”, “vocação” e “retorno financeiro”. A história foi citada apenas por um aluno como uma das influências, porém na questão dos fatores mais influentes ela não foi citada por nenhum jovem.

Como este estudo encontra-se em fase preliminar, os dois objetivos principais do questionário foram apresentados como perguntas diretas, a saber: “você pode afirmar que a disciplina de história influenciou sua decisão?” e “a sua escolha de carreira ou de curso foi influenciada por motivações humanitárias?³”.

Apenas 56% dos sujeitos afirmaram que a disciplina de história influenciou sua escolha. Pode-se, ainda, fazer uma análise da narrativa utilizada pelos sujeitos para explicar como ocorreu esta influência, a partir da concepção da tipologia da consciência histórica proposta por Rüsen. (RÜSEN, 2010:63)

A própria explicação de como a história atinge sua orientação de futuro exprime a concepção de história e sua relação com a vida prática dos jovens. As explicações dos jovens continham alguns elementos da consciência histórica do tipo tradicional como: “quando entendemos como as coisas eram no passado podemos prever o futuro”; muitas respostas da tipologia exemplar como “a disciplina da história me instiga a pensar sobre a humanidade e me faz querer manter o que está bom e corrigir o que não está”, “a história serve de base de aprendizagem para o ser humano analisar seus erros e aprender com eles”, “a disciplina que procura meios de ler o mundo de hoje é a história, fazendo uma relação direta do que aconteceu e o mundo agora” e também no caso de um jovem que irá cursar engenharia ambiental pautado na “história da revolução industrial e sua poluição”.

Alguns poucos jovens alunos explicam a influência da história a partir de uma concepção crítica como um jovem que relata: “acredito que a história me ensinou a ter uma visão mais crítica do mundo, procuro ter uma opinião sobre os assuntos e não apenas acreditar no meus pais/tv/professores me dizem”. Por fim, apenas uma resposta se assemelha a

³ A redação integral da questão é esta: A sua escolha de carreira ou de curso foi influenciada por motivações humanitárias? Em outras palavras, você decidiu a próxima etapa de sua vida levando em consideração a maneira pela qual você pode realizar feitos que possam alterar o futuro da humanidade ou diminuir a desigualdade social e os conflitos da sociedade? Em caso afirmativo, descreva como isto te influenciou e quais são seus planos.

concepção de consciência histórica do tipo ontogenético, que denota a relevância da orientação temporal: “acredito que apenas conhecendo o passado é que podemos planejar um bom futuro e entender nosso presente. Quanto mais estudo história, mais vejo as semelhanças do passado com a nossa atualidade e como tudo isso foi feito por pessoas como nós.”

De qualquer modo, a resposta negativa de 44% dos jovens é um dado que nos faz refletir sobre o quanto a história, e a formação da cognição histórica em contexto escolar, auxilia realmente os jovens em suas orientações temporais na vida prática.

Em relação à questão de motivações humanitárias, pode-se fazer uma análise através das citações em resposta a pergunta da lista de influências. O fator identificado como “ajudar as pessoas” ou “fazer a diferença” ficou em sétimo lugar nas prioridades, muito abaixo de “retorno financeiro” e de “interesses pessoais”.

Ao responder a pergunta específica, 67% dos jovens afirmaram que esta preocupação pesou em suas decisões, apesar de não ser um dos fatores mais preponderantes na questão aberta. Ao analisar as justificativas, nota-se que dentre os que responderam afirmativamente muitos não sabem ao certo como realizar suas intenções: “não sei qual o melhor meio de botar em prática meus sonhos de igualdade”, “estando na área de relações internacionais, eu pretendo trabalhar com o direito das pessoas, mas não sei como chegar lá”, “não sei como ainda, mas vou tentar fazer a minha parte.” Outros acreditam que para intervir na sociedade com fins humanísticos basta ser um indivíduo correto: “pretendo ser justo, pelo bem de quem precisa”, “não me influenciou, mas sempre que houver possibilidade de fazer algo para ajudar o próximo, farei”. Alguns acreditam que a melhor maneira é em paralelo as suas carreiras: “pretendo trabalhar um dia da semana gratuitamente para as pessoas que não tem condições” e “no meu tempo livre pretendo criar formas de expressão, de arte, que dê sorriso a alguém”.

As dezenove justificativas de quem tem uma preocupação humana na escolha da sua carreira são animadoras, incluindo futuros médicos preocupados com o sistema público de saúde, psicólogos com atenção especial à saúde mental, arquitetos e engenheiros em busca de soluções ambientalmente sustentáveis. Tais afirmações, lembrando a educação engajada de Paulo Freire, deveriam, contudo, fazer parte da consciência de todos os jovens, e não da minoria.

Percebe-se que há muita intenção de mudanças nas questões dos direitos básicos humanos, mas nas próprias justificativas revelam-se dificuldades de orientação para concretização das intenções.

Este estudo atingiu seu objetivo de estudo inicial exploratório, demonstrando que existem muitas perspectivas de investigações a partir desta. Estudos empíricos a partir da consciência histórica são de muita relevância, sobretudo com a teoria de Jörn Rüsen da aprendizagem histórica ainda em construção. Porém, este breve estudo ainda aponta que a teoria da didática da história pode também se aproximar de outros campos do conhecimento. Como, por exemplo, a psicologia, que atua na decisão de carreira dos jovens através de teorias e técnicas de orientação vocacional, a sociologia e a filosofia da religião, que podem trazer elementos de compreensão e utilização do conceito vocação em escolas confessionais.

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência da história. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, J. & KOZLAREK, O. **Humanismo na era da globalização**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2009.

RÜSEN, J. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, M.A.; BARCA, I. & MARTINS, E. R. (orgs) **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. Ufpr, 2010. p. 41-49.

SCHMIDT, M.A. O Significado do Passado na Aprendizagem e na Formação da Consciência Histórica de Jovens Alunos. In: CAINELLI, M. & SCHMIDT, M.A. (orgs) **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.